

EDITORIAL

Eleições (2): a melhor escolha

Vivemos num país abençoado por Deus. Sem dúvida. Muitos lugares deslumbrantes, muita gente bonita e acolhedora. O Brasil é um país da alegria, do bem tratar, do colocar a esperança acima de tudo, apesar das históricas dificuldades econômicas e sociais. Muitos avanços ocorreram nos últimos 50 anos. De ditaduras a democracia, de país exportador de produtos primários a competidor em mercados comerciais mundiais em tecnologias de ponta, até bons exemplos nas áreas de tratamento humano, de condições de saúde e outras áreas. Crescemos a passos largos ano a ano e a situação externa, sem dívidas e com enorme potencial revela ao mundo um grande futuro pela frente. O certo é que o brasileiro nunca perdeu o bom humor. As dificuldades foram sendo vencidas uma a uma, entre elas a inflação e seu feroz dragão, e as classes menos favorecidas cresceram junto e hoje demonstram força de consumo.

Pois a cada quatro anos renovam-se os pares políticos e os milhões de eleitores espalhados por este país imenso e alegre, veem sua simpatia testada frente a

candidatos postulantes aos mais diferentes cargos. Neste mês de outubro, renovam-se as esperanças para presidente, governador, senador, deputados federais e estaduais. Cabe aqueles que assumirem esses postos manterem o que já vem sendo feito e ajudarem no desenvolvimento ainda maior deste país. Não basta apenas a boa vontade e o discurso inflamado contra o que tem ou a favor do que pode ser feito, mas sim a apresentação de propostas concretas para um Brasil ainda melhor. As urnas são nossa estrela guia neste momento. Elas definem o futuro. E aquela figura carismática que se apresenta na tela, na sua frente na hora do voto, veja bem, e acredite que será seu fiel representante por algum tempo. De sorrisos e tapa nas costas não vivem pessoas dignas e capazes de manter o humor até mesmo nas horas mais difíceis, mas de atitudes dignas de pessoas que são escolhidas, porque são capazes de fazer o melhor sempre. A escolha é sua. Bom voto a todos.

Paulo Ricardo Tomasini, Editor-chefe.

Encontros

Por Potiguara Pereira Júnior

Amigos a gente encontra, a vida não é só aqui. Repare naquela estrada, a que distância nos levará... Estes versos, parte da música Quem Me Levou Sou Eu, do Luiz Gonzaga ou Dominguinhas (o Google não soube me dizer com precisão), sugerem certa facilidade em encontrar amigos. Tudo bem; é fácil mesmo. Para o Gonzaga, sendo quem era; além de famoso, uma figura simpática e sorridente, devia ser mais fácil ainda; só que leva algum tempo até estes amigos que a gente encontra pela estrada tornarem-se amigos de verdade.

Para não classificar apenas alguns

poucos como amigos, segregando outros, a gente cria uma escala secreta. Uma graduação para as amizades que pode ser mais ou menos assim: amigasso, amigão, amigo do peito, amigo, conhecido, colega, vizinho-de-porta, vizinho-de-vista, "ouvi falar" e cunhado. Eu tenho muitos amigos. Muitos mesmo. Preciso mais do que uma mão para contá-los nos dedos. Aqueles a quem considero amigos de fato e que o são de direito. Pessoas a quem confiaria a chave do cinto de castidade da minha rainha.

Não vou citá-los, obviamente, para não ferir suscetibilidades e também para não ter que arcar com a declaração anterior. Eles sabem quem são,

assim como eu sei quem me considera amigo. Pessoas entre as quais não existe distância, física ou temporal capaz de gerar afastamento. Que não se ofendem com as piores ofensas. Que torcem pelo time aquele e mesmo assim são meus amigos. Gente que já me salvou, que eu já salvei. Gente que não te pede pra juntar o sabonete no vestiário. Sei que já escrevi sobre este mesmo tema há pouco tempo. Por favor, me desculpem pela repetição. É que fico muito comovido quando penso nisso e lembro que tenho outra família além da minha família. Outros irmãos além dos meus irmãos "de sangue".

(*) Blogueiro e Cronista

FÓRUM DO LEITOR

Mão dupla na Fernando Gomes

Em junho deste ano este jornal publicou um artigo sobre trânsito na Padre Chagas de autoria do Sr. Bisson na página 6. Pergunta: como aumentar ainda mais o engarrafamento em frente ao Moinhos Shopping? Simples. Manter mão única na rua Fernando Gomes em trecho de talvez 100 metros.

Explico: saio semanalmente da rua Dr Timóteo para buscar os netos na rua Ramiro Barcelos, entre a 24 de outubro e André Puento. Meu trajeto passa pela Dr Timóteo, Marques do Herval, Barão de Santo Ângelo até a Hidráulica. Lá entro a esquerda, sentido obrigatório da Fernando Gomes, e aí a piada, devo voltar pela Padre Chagas, até a Luciana de Abreu, passando pela Hilário Ribeiro, cruzamento perigoso e pela Luciana ir até a 24 de outubro. Lá pego o trânsito trancado, via Hilário, via Padre Chagas, via Hotel e shopping e Luciana de Abreu. Mas consigo entrar na 24 de outubro e aí e a salvo, vou buscar meus netos.

Com o tempo optei por entrar logo na Felix da Cunha, passar pelo Hotel e shopping e não usar a Barão. Só que sou mais um a ocupar espaço na via, quando já poderia ter sido por uma via alternativa livre e chegar na 24 de outubro no de gasolina na esquina.



Rua Pe. Chagas: congestionamentos constantes

Talvez este jornal sugerindo a EPTC mão dupla na Fernando Gomes eles se disponham a analisar esta sugestão. Há condições de usar mão dupla ali e manter os estacionamentos.

Enio Xavier

Morador da Rua Dr. Timóteo

DEBATE

Democracia de massa

Por Vicente Bogo



Muita gente surpreende-se com os resultados da tendência de voto nas pesquisas eleitorais recentes, mas não compreendem o fenômeno.

Como imaginar há pouco mais de meio ano que a candidata à presidência do PT, quase ilustre desconhecida, poderia ultrapassar antes do início da campanha eleitoral o candidato do PSDB? Parecia improvável. E, julgavam alguns que a transferência de votos do presidente seria restrita, pois, uma coisa é o presidente e sua história e outra a candidata.

Era notório que crescerá. Tanto pela vinculação com a popularidade do presidente, quanto pelo resultado da economia nacional que conforta muita gente. E, claro, pela produção de mídia pré-eleitoral intensa do último semestre.

Agora, resta saber se a imagem construída se mantém no desenvolvimento da campanha, notadamente nos debates televisivos. Isto é: qual a consistência das candidaturas e a eliminação ou fortalecimento dos temores presentes pairando sobre os candidatos.

Então, com o plano real a economia começou a mudar e melhorar e, desde então, o eleitor não quer arriscar em mudar. Claro, o PT conseguiu, na esteira das crises internacionais que impactaram forte e negativamente nossa economia, criar um clima de forte instabilidade e desconfiança que favoreceu a mudança em 2002. Hoje, não há ameaça política ou econômica visível ao grande público. Logo, o discurso da mudança não tem apelo.

Acertadamente, SERRA cunhou o slogan de que o Brasil pode mais, sinalizando avançar. Não ameaçando, portanto, a idéia da estabilidade atual, nascida com FHC. Neste contexto, a vantagem é da candidata do governo, pois representa de modo mais claro a continuidade.

No estado a situação é similar. O governo é bem avaliado e há o desejo que seja continuado. Quem o representa é a governadora e as pesquisas mostram isso através do crescimento constante nos indicadores de intenção de voto. E tem mais para crescer.

O candidato da oposição (PT), por sua vez e o da neutralidade (PMDB), cada um vem buscando um mote para contornar a dificuldade de apresentar crítica consistente ao governo. O primeiro tentando firmar-se na suposição de que resolverá os problemas do estado com o dinheiro federal e do mundo. O outro, sem alternativa, dizendo que vai continuar o que está dando certo e que vai melhorar o que possa estar deficiente. Contudo, sem apresentar o certo e o deficiente. De um lado para não referendar o governo. De outro para não se distanciar da base eleitoral e cair ainda mais nas pesquisas de opinião.

Considerando que o candidato do PT tem grande probabilidade de estar no segundo turno da eleição, não se descartando uma decisão em primeiro turno (esperança petista) e que FOGAÇA e YEDA disputam a outra vaga, deixam de mirar no primeiro para buscar crescer um sobre o eleitorado do outro. YEDA vem levando vantagem. Representa a continuidade.

Portanto, com TARSO navegando livre de críticas e com a ascensão de DILMA já vão se aproximando do seu limite de segundo turno no primeiro, indo além da força natural do seu bloco político-eleitoral. A conclusão é que as disparidades do primeiro turno, à exceção de que algum dos candidatos faça maioria absoluta dos votos válidos no primeiro turno, serão reduzidas e a disputa final levará para uma decisão apertada, tanto aqui quanto acolá.

Como se pode notar, o clima eleitoral vai esquentar!

(*) Ex-vice-governador, ex-deputado federal constituinte.

JORNAL FLORESTA

O Jornal Floresta é uma publicação da PRCom Comunicação e Marketing

Redação: Rua Ernesto Alves, 333 conj. 201 Floresta CEP 90220-190 - Porto Alegre/RS / E-mail: jornalfloresta@jornalfloresta.com.br / Editor: Paulo Ricardo Tomasini (Mtb 6930/RS) / Comercial: Alberto Baseggio / Colaboradores: David Signoreli, Rodrigo Cardia, Potiguara Pereira Júnior, Amibele Mansan, Sonia Montañó e Vicente Bogo / Editoração Eletrônica: Gabinete de Comunicação Integrada / Tiragem: 10 mil exemplares / Impressão: Correio do Povo / Editor: (51) 9258-2662 / Redação e Comercialização: (51) 3225-4164 / Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

rede
jornal
Porto Alegre/RS